

## NARRAR HISTÓRIAS NÃO É BRINCADEIRA

Sueli Bortolin<sup>1</sup>

Janaina Melo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho aborda as narrativas de histórias no âmbito escolar. Para tanto, buscaram-se subsídios em áreas como Letras, Educação e Biblioteconomia, mas também em fontes pessoais de duas contadoras de histórias (uma pedagoga e uma bibliotecária). Apesar de fazer uma abordagem memorialista com uma linguagem muitas vezes em um *compasso* oral, as autoras compartilham informações e pesquisas que podem levar, tanto pedagogos quanto bibliotecários, a refletir a respeito da importância das narrativas de histórias na escola. Destacam-se os elementos: voz, corpo, presença e texto literário que interferem no ato de contar histórias para diversificados públicos e em diversas faixas etárias. Os procedimentos metodológicos utilizados foram o método bibliográfico e a narrativa biográfica, que é muito utilizada entre membros de uma família e neste caso um grupo de contadoras de histórias. Como conclusão, apontou-se que ainda é pequeno o número de pesquisas a respeito das narrativas de histórias nos cursos de Biblioteconomia e Pedagogia, e isso pode interferir na prática desse ato pelos professores e bibliotecários. Há uma deficiência no currículo das referidas graduações, portanto a necessidade de atualização desses profissionais é constante. Outro aspecto importante a se destacar é que os narradores orais precisam gostar de obras literárias para influenciar os seus leitores.

**Palavras-chave:** Leitura. Educação do leitor. Iniciação literária.



<sup>1</sup> Doutora em Ciência da Informação. Professora do Departamento de Ciência da Informação, coordenadora do Projeto de Pesquisa "A oralidade na mediação da informação, da literatura e da memória" da UEL. E-mail: bortolin@uel.br

<sup>2</sup> Pedagoga, formada pela UNIFIL. Membro do Grupo de Pesquisa "Interface: Informação e Conhecimento". *In memoriam*.

## TELL STORIES IS NOT A GAME

**Abstract:** This work deals with telling stories in schools. To do so, we sought to subsidies in areas such as Literature, Education and Library Science, but also on personal sources of two story tellers (an educator and a librarian). Despite making a memoirist approach with a language often in an oral rhythm, the authors share information and research that can lead, both educators and librarians, to reflect on the importance of telling stories in school. Noteworthy are the elements: voice, body, presence and literary text that interfere in the act of storytelling to different kinds of public and at different ages. The methodological procedures used were bibliographical method and biographical narrative method, which is widely used among members of a family and in this case a group of storytellers. In conclusion, we pointed out that there is not many researches into the narrative stories in the Library and Education courses, and this can interfere with this practice by teachers and librarians. There is a deficiency in the curriculum of these graduations, these professionals need constant updating. Another important aspect to highlight is that oral storytellers need to enjoy literary works to influence their readers.

**Keywords:** Reading. Reader's education. Literary initiation.

## NARRAR HISTORIAS NO ES UN JUEGO

**Resumen:** Este trabajo analiza las narrativas de historias en el ámbito escolar. Con este fin, se buscó ayuda de ámbitos como la literatura, Educación y Biblioteconomía, y también en fuentes personales de dos contadores de historias (una educadora y una bibliotecaria). A pesar de un enfoque memorialista con un lenguaje muchas veces de *compás* oral, las autoras comparten informaciones e investigaciones que pueden llevar tanto a los profesores, como a los bibliotecarios a reflexionar sobre la importancia de las narrativas de historias en la escuela. Se destacan los elementos: la voz, el cuerpo, la presencia y el texto literario, que interfieren en el acto narrativo diversificado según el público y las diferentes edades. Los procedimientos metodológicos utilizados fueron el método bibliográfico y la narrativa biográfica, que se utilizan ampliamente entre los miembros de una familia y, en este caso en un grupo de contadores historias. En conclusión, se señaló que todavía es pequeño número de investigaciones sobre las narrativas de historias en cursos de Biblioteconomía y Pedagogía, y esto puede interferir con la práctica de este acto por los maestros y bibliotecarios. Hay una deficiencia en el plan de estudios de estas graduaciones, por lo que hay la necesidad constante en la actualización de estos profesionales. Otro aspecto importante a destacar es que los narradores orales necesitan gustar de las obras literarias para poder influir en sus lectores.

**Palabras clave:** Lectura. Educación del lector. Iniciación literaria.

## Introdução

Inicialmente, precisamos informar que a voz que o leitor irá encontrar neste texto é de uma pedagoga e de uma bibliotecária que atuam como narradoras de histórias há algum tempo em diferentes espaços como: bibliotecas, escolas, hospitais e ONGs, e que aqui receberão os codinomes de Jana e Sula.

Assim, libertas em praças públicas ou trancadas em espaços fechados, sentem-se sempre tão apaixonadas, que, quando têm chance de partilhar suas experiências, fazem isso com muita vibração. Dessa forma, nossa imaginação sempre esteve borbulhante no ar, tocando de forma *fugazmente* intensa a epiderme física e afetiva dos nossos ouvintes.

Nesse exercício de liberdade que é a prática da literatura oral, iremos neste trabalho, diversas vezes, brincar com as palavras, e faremos isso com a intenção de provar que contar histórias não é *brincadeira*. Escolhemos essa expressão pelo sentido duplo que ela possa provocar, isto é, ser coisa séria (de responsabilidade) e um ato divertido, de puro lazer e prazer.

Vale destacar primeiramente que somos seguidoras de Martins (1983) e Freire (1983), portanto nossa concepção de leitura é ampla. Aqui nos interessa abordar prioritariamente a leitura feita por meio da espacialidade do corpo e da voz, tanto do leitor-narrador<sup>3</sup> quanto do leitor-ouvinte<sup>4</sup>. De um leitor-narrador portador de vozes literárias e de leitores-ouvintes que se encontram na escuta para *ganhar* um texto de presente, textos que trazem alegria, tristeza, angústia, paz, informação, dúvida, prazer, desprazer, enfim, um enovelamento de sentimentos muitas vezes contraditórios que nos levam a três espécies de comportamento: prosseguir, interromper ou compartilhar. Gostamos do terceiro verbo - compartilhar, melhor dizendo, partilhar, pois partilhar é acreditar numa troca, confirmando ou não um texto lido, pois, ao dividirmos com outros leitores as nossas leituras, principalmente de maneira

---

<sup>3</sup> “Leitor-narrador é todo indivíduo que medeia o encontro do leitor com diferentes textos (de origem escrita ou oral), utilizando o seu suporte vocal para ler ou narrar” (BORTOLIN, 2010, p. 22).

<sup>4</sup> “Leitor-ouvinte é todo indivíduo que tem a sua leitura mediada, isto é, que recebe a interferência oral de um mediador para se encontrar com diferentes textos, podendo também ser chamado de leitor que lê com os ouvidos” (BORTOLIN, 2010, p. 22).

oral, que é mais ágil, ampliamos a possibilidade de recepção e de compreensão do texto.

Para tanto, a estrutura desse artigo é: *Narrativa e Narrador Oral* (abordamos o ato de narrar histórias, a força das palavras pronunciadas e silenciadas, a importância da narrativa e do narrador oral); *A voz, o corpo, a presença e o texto literário* (discutimos o uso destes elementos); o *Procedimento Metodológico* (escolhido nessa investigação); e as nossas *Considerações Finais*.

Com essa conversa ao *pé de orelha* e em volta da *fogueira*, desejamos aos leitores que também sintam o desejo de serem narradores. Então, leitor, te saudamos com uma brincadeira vocal: *Viva eu! Viva tudo! Viva o Chico Barrigudo!*

### **Procedimentos Metodológicos**

O método escolhido para essa investigação foi o bibliográfico, que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54), é aquela elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, periódicos, jornais, boletins, monografias, dissertações e teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato com o assunto da sua pesquisa.

“A pesquisa bibliográfica é um tipo especial de pesquisa documental que, como o nome indica, tem por suporte da informação o documento bibliográfico” (WITTER, 1990, p. 23-24).

No presente trabalho, além dos documentos escritos a respeito do tema, incluímos nossas experiências como contadoras de histórias, por considerar que os documentos orais, isto é, os não registrados também devem ser utilizados como fonte de pesquisa na Pedagogia e Biblioteconomia, por se tratarem de documentos “vivos” e passíveis de consulta. Esse procedimento, segundo Flick (2009, p. 177), se enquadra entre as narrativas biográficas que, em geral, são utilizadas com membros de uma determinada família; neste caso, porém, as memórias são de duas contadoras de histórias participantes de Londrina.

## Narrativa e Narrador Oral

Defendemos a narrativa de histórias literárias com uma ação divertida e de responsabilidade, que pode ser também denominada de mediação oral da literatura que é “toda intervenção espontânea ou planejada de um mediador de leitura visando a aproximar o leitor-ouvinte de textos literários seja por meio da *voz viva* ou da *voz mediatizada*” (BORTOLIN, 2010, p. 136, grifo nosso).

Queremos desde já quebrar uma crença limitante<sup>5</sup> muitas vezes presente no discurso dos educadores, por exemplo: *não sei contar histórias*. Então *bradamos: deixa disso!* Suplicamos (com toda a força que esta palavra contém) a quem diz não saber narrar, que faça leituras públicas de textos, que leia compassadamente para pessoas de diferentes faixas etárias.

Para ler em voz alta, a recomendação mais importante é que o texto seja apresentado de maneira envolvente, respeitando pontos, vírgula, pontos e vírgulas, parágrafos, dando a entonação adequada nos momentos de interrogação, exclamação etc., e isso pode ser feito em qualquer posição, inclusive deitada.

Sabemos que o ato de contar histórias é um pouco mais complexo do que o ato de ler histórias em voz alta, pois exige uma postura mais *desprendida do texto impresso* e pede, além do uso da voz, uma participação corporal mais intensa. No entanto, as dificuldades que o narrador possa ter não são motivo plausível para um educador (e aqui incluímos o bibliotecário) temer uma narrativa oral ou deixar de fazê-la.

Estudar o processo oral e o seu dinamismo nos levou a perceber que há *emissão da voz do corpo*, mas também que há o *corpo na voz*. Uma voz que sai de um corpo e vai se “encorpando” (palavras de João Cabral de Melo Neto do poema *Tecendo a manhã*) e produzindo sons (que trazem encantamento), palavras (que permitem jogos), sussurros (que ditam segredos), gritos (que fazem denúncias), silêncios (que ocultam dizeres). A voz é a marca do

<sup>5</sup> Crenças limitantes - “São pensamentos, ideias, palavras que acreditamos (as crenças positivas e as limitantes surgem e se estruturam geralmente na primeira infância) e, muitas vezes nos limita ou nos impulsiona. Essas crenças limitantes ficam embutidas em nossa mente, geralmente fora da consciência, uma vez cristalizadas se tornam um determinante do significado que atribuímos aos eventos. Desta maneira, em algumas situações nos impedem de obtermos o que queremos nos fazendo acreditar que não somos capazes de realizar determinada tarefa ou enfrentar alguma situação, por exemplo” (REIS, 2013).

mediador oral, e sua marca tem sua voz. Seu estilo e o texto escolhido significam, entretêm, simbolizam, pacificam emoções, tiram e despertam dúvidas e também curam. Pelo menos, esta é a defesa de Ouaknin (1996, p. 11), que pesquisa a biblioterapia, isto é, a terapia por intermédio de livros.<sup>6</sup>

Analisando as narrativas orais, Estés (1998, p. 9-10), tendo como base a sua origem familiar e, conseqüentemente a sua formação cultural, destaca:

Nas duas tradições das quais me origino, hispano-mexicana por nascimento e de imigrantes húngaros por adoção, o relato de uma história é considerado uma prática espiritual básica. Histórias, fábulas, mitos e folclore são aprendidos, elaborados, numerados e conservados da mesma forma que se mantém uma farmacopéia. Uma coleção de histórias culturais, e especialmente de histórias de família, é considerada tão necessária para uma vida longa e saudável quanto uma alimentação razoável, trabalho e relacionamentos razoáveis.

A autora valoriza as tradições orais e o acervo textual de seu país. Nossa emoção é semelhante, colecionamos histórias e, por sermos brasileiras, usufruímos de uma riqueza cultural inenarrável. Como colecionadoras de histórias ou, como afirma Estés (1998, p. 10), guardiãs de histórias, somos “[...] uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, [...] viajante do tempo”.

Para cumprir essa função, o mediador oral deve gostar de seu trabalho e estar comprometido com ele, para que sua *performance* aproxime o leitor-ouvinte do texto narrado, e não o afaste. Ele não pode esquecer que uma narrativa, em geral, provoca no leitor-ouvinte diferentes sentimentos em relação à história, desde a identificação, rejeição, compaixão, ira e desejo em se deslocar para determinados lugares. Isso dependendo da desenvoltura do mediador é contagiante, refletindo na plateia que quer ouvir a história e, em muitos casos, que ela seja repetida, repetida, repetida.

As inúmeras contribuições que o bibliotecário pode oferecer à sociedade têm sido ampliadas e de uma forma crescente, porém as práticas voltadas à gestão cultural, nos últimos tempos, estão diminuindo ou perdendo a visibilidade social. Na década de 80 eram visíveis as ações de interferência cultural, realizadas pelos bibliotecários brasileiros, atualmente não há um

---

<sup>6</sup> Lamentavelmente, a Biblioterapia é pouco pesquisada na Educação e na Biblioteconomia.

número significativo de projetos culturais que envolvam essa classe profissional.

Quanto aos pedagogos, a realidade não é diferente: estes ainda têm dificuldades de expandir suas realizações fora da sala de aula. Muitas vezes, a escola tem uma árvore frondosa, mas esta nunca abrigou uma roda de histórias. Ao lado da escola tem uma praça, e nunca essa praça foi ocupada por professores, alunos ou familiares com o objetivo de contar histórias para a comunidade ao redor, oportunizando-a momentos de cultura e lazer. Os alunos recebem parentes de várias regiões do país, em muitos casos avô e avó que teriam histórias de vida para contar, e estes chegam e saem da cidade sem partilhar *textos vivos*. Entre os pais, há vários profissionais que poderiam descrever o que é e como é seu trabalho, aproximando vidas e desenhando futuros na cabeça e na emoção das crianças e jovens.

Inexperiência? Não, possivelmente isso seja uma tendência de muitos profissionais em ficar “encastelado”. Ficar no castelo é confortável, mas a modelo das princesas mais modernas, o narrador oral escolar, precisa ousar, abrir espaços para o diálogo de forma que possa “contaminar”, propagar o vírus da leitura e provocar uma rede epidêmica de narrativas diversificadas.

Nossa percepção é de que, em sua maioria, pedagogos e bibliotecários sentem-se inibidos em vestir um traje, mesmo que discreto, criando um personagem. Há exceção, por exemplo, no Projeto *Palavras Andantes*, da Prefeitura Municipal de Londrina, a contadora de histórias, Altina Narcizo, faz suas narrativas vestida de galinha. Uma galinha muito colorida de bobes enrolados no cabelo. *Bobes* não é tão gostoso, mas é uma palavra antiga bem divertida de se pronunciar.

Outra exceção foi a Sula aparecer na Feira das Profissões da Universidade Estadual de Londrina, com uma sombrinha nas mãos com o objetivo de chamar a atenção, mas também de delimitar espacialmente a narrativa. Para convidar o público, com a sombrinha aberta ela dizia: “Quer ouvir uma história entra aqui embaixo?” Com este objeto singelo e este convite, ela saiu contando “Uma História em 3 Atos” (Quadro 2) aos alunos do Ensino Médio que têm idade entre 17 e 18 anos, e a reação foi muitos risos.

Buscar aplicações para a ausência dos bibliotecários e pedagogos em diferentes práticas culturais não é o objetivo deste trabalho, pois, usando uma linguagem teatral, visamos *afinar o foco* nos mediadores orais evidenciando a sua imprescindibilidade na escola, e não *culpabilizá-los* pela *invisibilidade corporal e simbólica*. Afinal são distintas as causas de na escola as iniciativas de cunho cultural e artística serem tão *anêmicas*.

Um fator que dificulta a formação de mediadores orais é que não há uma cultura de troca de informações e experiências entre os profissionais que atuam no mesmo espaço. Isso também ocorre entre os professores e os bibliotecários.

A experiência da Jana comprova que é fundamental para o mediador oral, primeiro, o seu envolvimento com outros mediadores, numa troca constante, discutindo textos, buscando recursos variados. A respeito disso, Jana conta que o *Fio da Meada*, quando começou, era composto de três pedagogas e um músico. Nessa ONG, as histórias eram narradas utilizando o corpo, a música, os vestuários, os objetos, entre outros. Assim as vontades de narrar histórias *se casaram e foram felizes para sempre...*

Com o discurso construído até aqui, acreditamos que é possível perceber a nossa crença no potencial dos mediadores orais; no entanto, é preciso evidenciar que, para exercer essa função, é necessário: gostar do Ser Humano, gostar de literatura, gostar do que faz e ter prazer em narrar histórias. Somado a isso, eles precisam acreditar na palavra e na força dela em encantar as pessoas de todas as idades.

A palavra pronunciada tem sido tema de pesquisa em diferentes áreas, mais abundantemente na Comunicação Social, Linguística, Artes Cênicas, Teologia e no Direito. Na Biblioteconomia e mesmo na Pedagogia, só para falar das nossas áreas de origem, as pesquisas e produções científicas a respeito desse assunto estão cada vez mais escassas. Nestes cursos, existem algumas disciplinas que, entre seus conteúdos, poderiam focar a oralidade de textos literários, a literatura infantojuvenil, mas lamentavelmente, não há, por exemplo, na Universidade Estadual de Londrina (UEL) esta disciplina na grade do curso de Pedagogia. No curso de Biblioteconomia, ela é uma disciplina optativa, isto é, não tem regularidade para ser ofertada.

Lamentável, pois os pedagogos e os bibliotecários como portadores de palavras poderiam estimular outros sujeitos portadores de palavras a propagá-las e, assim formarmos uma corrente de narrativas orais.

Acreditamos na importância do mediador oral nas vidas dos indivíduos, em especial, na infância ela é muito significativa, tanto que Robert Louis Stevenson<sup>7</sup>, depois de se tornar famoso, disse para sua antiga babá: “Foi você quem despertou em mim a paixão pela ficção, Cummie” (FISCHER, 2006, p. 265). Isso porque Alison, a babá de Stevenson, narrava para ele “[...] ensinamentos calvinistas, aventuras, hinos, histórias fantasmagóricas [...]” (FISCHER, 2006, p. 265).

Jana, como uma pedagoga-narradora de histórias, se identifica com a babá de Stevenson, porque por um bom tempo vivenciou a beleza e o desafio de narrar histórias *assombrosas* para as crianças e adolescentes nas escolas da periferia da cidade de Londrina. Assim,

Não nos é possível ignorar o impacto de um discurso político ou de um sermão, mesmo de uma conferência que, em vez de lida, é falada. É no calor do desempenho que a palavra ganha repercussão e acessa o ouvinte, a plateia que, ao reagir, perfaz o ciclo do texto, criando seus efeitos de comunicação (YUNES, 2012, p. 69).

O Brasil tem uma característica comunicacional especial. Somos um povo falante, somos sujeitos que portam palavras abundantemente. Mesmo quando silenciados, pois silêncio tem texto, o silêncio comunica. “As palavras são múltiplas mas os silêncios também são” (ORLANDI, 2007, p. 28).

Portanto, o narrador de histórias deve saber quando falar e quando silenciar, quando explicitar e quando apenas insinuar. Ler ou narrar sem pretexto de ensinar, mas sempre com a intenção de levar o aluno a se apaixonar. Para isso, precisa lançar mão de no mínimo quatro elementos: a voz, o corpo, a presença e o texto literário.

---

<sup>7</sup> Escritor escocês que nasceu em 1850 e faleceu em 1894.

## Voz, Corpo, Presença e Texto Literário

Em nossa percepção, a voz é o primeiro elemento a ser cuidado pelo mediador oral. É com ela que reinamos no mundo da narrativa, e nem é necessário ter uma dicção primorosa, basta manter a calma e o desejo de comunicar um texto de forma natural. Evidentemente que, se se sentir à vontade, o narrador pode imitar os personagens, mas é aconselhável preservar a espontaneidade e evitar os exageros.

O uso da música antes, durante e depois da narrativa também é interessante. Vale destacar que ter um(a) cantor(a) entre contadores de histórias profissionais, em especial, no eixo Rio-São Paulo, não é incomum, mas essa habilidade não é fácil de encontrar entre os pedagogos e bibliotecários, portanto a solução é cantar e estimular um coral coletivo. O mais importante é a entonação da voz, ecoando histórias e alimentando a imaginação de todas as faixas etárias.

Emitida pelo corpo, a voz já foi abordada; e o *corpo* como utilizá-lo? Cotidianamente, lidamos com pedagogos e bibliotecários em nossos cursos e oficinas, e é perceptível a inibição e o não domínio corporal desses profissionais. Porém, quem disse que para ser um narrador de histórias é necessário ter formação específica? Esperar do professor e do bibliotecário uma especialização na área cênica talvez seja uma situação irreal. No entanto, não se deve ir despreparado ao encontro de uma plateia, pois isso não é respeitoso e nem ético.

Entre as sugestões para encantar o leitor-ouvinte propagadas na literatura ligada à oralidade, narrativas orais de histórias, estão as expressões faciais, portanto: arregale os olhos para demonstrar assombramentos, prenda a respiração, construa caras de admiração, choro, medo; tape com as mãos a boca. Se necessário, congele temporariamente o corpo ou debruce-o para fingir desmaios. Morda a maçã imaginária da bruxa, solte seus cabelos ao vento como a Rapunzel, crie uma corcunda nas costas. Deixe a imaginação ter liberdade.

Estes elementos e outros recursos é que possibilitam a construção da *presença* aqui entendida como a marca representativa do leitor-narrador na ambiência, isto é, o que Bortolin (2010) denomina de *oralisfera*, uma camada

invisível, mas perceptível, pois é a somatória das emanções de todos que se encontram no estado performático. Afinal todos, no momento de uma narrativa, contribuem para sua realização. Até o mais insensível *mortal!*, que nesse caso é o sujeito, *sem-jeito*, que não se permite viver os devaneios que uma história propicia ou demora a *entrar no clima* envolvente dos textos literários.

Narrar histórias por anos a fio e em espaços diversificados nos faz concluir que o conhecimento dos cuidados apontados é fundamental, mas também que o mediador oral deva estar preparado, pois pode ser surpreendido com fatores imprevisíveis, principalmente se estiver em espaços abertos e de ampla circulação.

Uma experiência marcante na vida da Sula foi a sessão de história realizada num assentamento em Tamarana. Quando ela percebeu que não tinha onde colocar os seus delicados personagens confeccionados com lâmpadas, solicitou a um cidadão idoso que a ajudasse, e este, deixando a enxada no chão, passou a segurar um a um cada personagem com uma delicadeza que contrastava com suas mãos tão calejadas.

O quarto elemento, além da voz, corpo e presença, é o texto literário. A sua escolha é fundamental, pois nada vale, em uma narrativa, tomar os cuidados apontados se o texto for insosso, sem elementos mágicos e oníricos.

Bortolin e Melo (2013) afirmam que “ao contar uma história devo saber primeiramente para que público irei narrar, pois isso me ajudará na escolha da história”.

As autoras querem dizer com isso que a escolha de um texto a ser lido ou narrado não deve ser balizada apenas na intuição, exige conhecimento básico de literatura (nacional e internacional) e também a compreensão mínima do interesse de cada fase psicológica do leitor. Estudos de Psicologia, Pedagogia e Letras apontam o gênero de histórias que são mais apropriadas a determinada faixa etária. Mesmo correndo o risco de o quadro elaborado por Betty Coelho já ter sido disseminado amplamente, apresentaremos a seguir por considerá-lo basilar no atendimento às necessidades dos leitores.

Quadro 1 - Gênero de histórias por faixa etária

Pré-escolares	Até 3 anos (fase pré-mágica)	- histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados)
	3 a 6 anos (fase mágica)	- histórias de crianças - história de repetição e acumulativa ( <i>Dona Baratinha, A formiguinha e a neve etc.</i> ) - histórias de fadas
Escolares	7 anos	- histórias de crianças, animais e encantamento - aventuras no ambiente próximo: família; comunidade - histórias de fadas
	8 anos	- histórias de fadas com enredo mais elaborado - histórias humorísticas
	9 anos	- histórias de fadas - histórias vinculadas à realidade
	10 anos em diante	- aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções - fábulas, mitos e lendas

Fonte: Coelho (1991, p. 15).

Queremos destacar ainda que não devemos *ler* e nos *apropriar* dessa classificação de forma inflexível, sem *ler os leitores* que estão na nossa frente, em especial, na atualidade, com a crescente diversidade de suporte de leitura. Lembramos também que os dispositivos móveis estão cada vez mais presentes na vida das crianças na mais tenra idade. Tanto é que elas são denominadas de geração polegar.<sup>8</sup>

Preocupada com o preparo do contador de histórias, Jana lembra que no *Fio da Meada*, além de escolas, narramos histórias em festas, no Festival Internacional de Teatro (FILO), e, para atender essa diversidade de públicos, o Grupo estudou desde textos universais, como os contos de fada, aos contos de cultura popular.

<sup>8</sup> “Como muitas crianças utilizam o aparelho celular desde muito cedo, aprenderam a manusear as teclas ou telas com habilidade e principalmente utilizando apenas os dedos polegares” (VIGNOLI; BORTOLIN, 2014, p. 50).

O conhecimento dos gêneros literários é uma das preocupações do contador de histórias, pois facilita a escolha do texto, principalmente se acontece sob a pressão do tempo ou no atendimento da solicitação inesperada de uma criança.

Para Estés (2005, p. 14), um texto que atrai é aquele que propicia prazer e entretenimento.

[...] o uso das histórias para entreter tem suas raízes na palavra latina *intertenerere*, que significa *inter + entre + tenere*. Entreter significa alguma coisa mutuamente, unir entrelaçando. A palavra contém a idéia de reciprocidade, ou seja, que cada um mantém o outro no estado ou condição desejada; que tal condição mantém o coração; que a espontaneidade do riso renova a fé no bem. É assim que “entreter” pode ser entendido como uma necessidade positiva, um grande prazer terapêutico e uma presença revitalizante.

Como sugestão na escolha do texto, defendemos constantemente que ele deva primeiramente propiciar prazer ao narrador. Os contos de fada, pelo valor psicanalítico, por exemplo, trabalham com temas ligados às angústias do Humano. Não podemos deixar de recomendar que a versão deva ser escolhida criteriosamente. Avaliar, por exemplo, se o tradutor, o adaptador, o editor são pessoas de credibilidade, pesquisadores especializados ou críticos literários experientes.

Outro fator, não menos importante, é a ilustração do livro escolhido para leitura, pois, “[...] como produto de comunicação de uma sociedade plural, encontra diversas formas e suportes para se expressar. O tempo do *livrinho* exclusivamente *bonitinho, bem desenhadinho e bem escritinho* já era” (LINS, 2002, p. 36, grifo nosso).

Nas palestras e cursos ministrados por Sula, ela tem feito campanhas contra o modo como as pessoas se referem ao livro infantil, utilizando o diminutivo, e chega a ser *deselegante* ao corrigi-las quando chamam o livro infantil de *livrinho*. Dessa forma, concordamos intensamente com o ilustrador Guto Lins citado no parágrafo anterior, que o livro infantil e suas ilustrações não devem ser diminuídos, pois, se não estão, devem estar presentes constantemente na vida do leitor mirim, contribuindo com a sua formação.

Estés (2005, p. 28) vai ao mesmo sentido e alerta: que “[...] as imagens são amesquinhas em versões “bonitinhas”, o impacto surpreendente de encontrar beleza e transformação naquilo que se acha mais grotesco, feio, estragado, se perde; o conceito de redenção para todos desaparecerá”.

Dessa forma, os contadores de histórias na escola, se não têm uma biblioteca ao seu dispor, precisam lançar mão de outras bibliotecas ou adquirir obras para enriquecer o seu acervo pessoal. O escritor Elias José questionado a respeito dos critérios para escolha de livros, alerta, inicialmente, que só um adulto leitor irá convencer as crianças e os adolescentes a lerem com prazer. Ele complementa apontando como primeiro critério a

[...] qualidade literária, o valor que o autor dá à linguagem. A melhor e mais original idéia, se não for bem trabalhada em termos de linguagem literária, pode se perder. [...]. Mesmo os temas e histórias mais apegados ao real têm que apresentar uma dose de magia e fantasia, elementos ricos para o universo da criança. No mais, é preciso tomar cuidado com o didatismo, a lição de moral explícita (JOSÉ, 1992, p. 4-5).

No quesito qualidade, não poderíamos deixar de argumentar que, na contramão de muito profissionais que valorizam mais a literatura estrangeira do que a brasileira, por considerá-la menor, gostaríamos de demonstrar a nossa admiração pela literatura infantojuvenil brasileira, que, desde 1968, com a criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), que é a seção brasileira do *International Board on Books for Young People* (IBBY), tem valorizado os autores e ilustradores brasileiros, tornando-os conhecidos dentro e fora do país. Em consequência, desta visibilidade tem levado muitos deles a receberem prêmio internacionais, entre eles: Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo, Ligia Bojunga Nunes e Eva Furnari.

Indubitavelmente, muitos esforços ainda devem ser realizados, muitas iniciativas articuladas para que o texto literário chegue às mãos e corações das crianças brasileiras, os Ministérios da Educação e da Cultura, que são as instituições mais representativas neste setor, encaminham às escolas e bibliotecas públicas livros de qualidade literária, porém cabe ao professor e bibliotecários *dar asas* a esses livros para que não *morrão asfixiados* em

prateleiras fechadas e *exterminem*, muitas vezes, a única oportunidade do leitor ter acesso ao livro.

### Considerações Finais

Desejamos que a leitura deste trabalho provoque nos leitores o desejo de partilhar emoções por meio da leitura ou narrativa de textos literários, em lugares além das quatro paredes da escola e da biblioteca.

O fato de sermos capazes de contar nossa trajetória de vida nos faz capaz de transmitir também literatura com emoção, portanto somos mediadores e, quando possível, devemos contribuir para a formação de novos mediadores.

Essa é uma tarefa que tem sido cumprida por bibliotecários, pedagogos e professores com formação em Letras, mas deveria estar na agenda de outros profissionais, visto que mediar literatura é uma questão de sobrevivência dos valores éticos e culturais de uma comunidade.

Para não terminar este trabalho com uma culpa pesando em nossos ombros, incluímos aqui uma história-jogo que gostaríamos de ver propagada, pois afinal *entrou por uma porta e saiu pela outra, quem quiser que conte outra*.

## Quadro 2 - História-jogo

Essa história que eu vou contar é dividida em 3 atos.  
Preste Atenção!

## 1º Ato (Atenção 1º Ato)

Certo dia uma jovem mulher resolve visitar um parente em Bogotá, vai até a rodoviária e pede ao rapaz do guichê:

- *Por favor, quero uma passagem para Bogotá!*

O rapaz, que estava de mau humor, fingiu que não escutou e nem levantou a cabeça.

A moça insistiu pela segunda vez:

- *Por favor, quero uma passagem para Bogotá!*

## (Atenção 1º Ato)

O rapaz continuou fingindo que estava desatento e novamente não ergueu a cabeça.

A moça, começando a perder a calma, fala um pouco mais alto:

- *Por favor, quero uma passagem para Bogotá!*

Agora o rapaz ergue a cabeça e diz: *Apressadinha, heim, moça!*

## 2º Ato (Atenção 2º Ato)

A moça entra no ônibus, o motorista liga o motor e parte.

Alguns minutos mais tarde o cobrador vai passando para conferir as passagens, aproxima-se dela e pede:

- *Por favor, passagem para picotar!*

A moça, querendo fazer o mesmo que o rapaz da rodoviária, finge que não escutou.

## (Atenção 2º Ato)

O cobrador repete o pedido:

- *Por favor, passagem para picotar!*

Novamente a moça, fingiu que estava distraída, não entregou a passagem.

Pela terceira vez, o cobrador pede:

- *Por favor, passagem para picotar!*

Ela olhando para ele diz: *Apressadinho, heim, moço!*

Falei para vocês que essa história era dividida em 3 atos, então vamos para o 2º Ato

## (O público espontaneamente responde: 3º!)

O narrador diz: *Apressadinhos, heim!*

Fonte: Da autora.

## Referências

- BORTOLIN, Sueli. *Mediação oral da literatura: a voz do bibliotecário lendo ou narrando*. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.
- BORTOLIN, Sueli; MELO, Janaina. Narrar histórias: uma caixinha de surpresa. *Infohome*, ago. 2013. Disponível em: <[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=768](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=768)>. Acesso em: 13 dez. 2013.
- COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1991.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Irmãos grimm*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: Unesp, 2006.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- JOSÉ, Elias. Originalidade versus qualidade literária. *Releitura*, Belo Horizonte, n. 2, p. 4-5, jan./mar. 1992.
- LINS, Guto. *Livro infantil? projeto gráfico, metodologia, subjetividade*. São Paulo: Edições Rosari, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.
- OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- REIS, Meire Barra Rosa. *Re: bom dia!* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bortolin@uel.br> em 29 dez. 2013.
- VIGNOLI, Richele Grengé; BORTOLIN, Sueli. A biblioteca escolar e as mediações com a geração polegar. *Biblioteca Escolar em Revista*, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 45-59, 2014.
- WITTER, Geraldina Porto. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 5-30, jan./jul. 1990.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: MORAES, Fabiano; GOMES, Lenice (Org.). *A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares*. São Paulo: Cortez, 2012. p. 59-77.

*Recebido em: 21/02/2015*  
*Aceito em: 23/09/2015*